

1970

Lettre du Père José Maria Antunes au Docteur Fernando Pedroso — (7-XI-1893)

António Brásio

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/angolavol4>

 Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Recommended Citation

Brásio, A. (Ed.). (1970). Lettre du Père José Maria Antunes au Docteur Fernando Pedroso. In *Angola: 1890-1903*. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.

This 1893 is brought to you for free and open access by the Spiritana Monumenta Historica at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Angola: 1890-1903 by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

LETTRE DU PÈRE ERNEST LECOMTE
AU PÈRE CHRISTOPHE ROONEY

(29-X-1893)

SOMMAIRE — *Invasion de Cassinga par les Kuanyama et extinction de la tribu du même nom. — Demande des armes pour repousser ces attaques. — Les Kuanyama se trouvent bien armés. — Les mines d'or de Cassinga.*

Caconda, 29 de Outubro de 1893

Meu caro Padre

Acabo de chegar a Caconda, de volta da minha viagem ao interior, onde vim encontrar notícias bem tristes. Em Cassinga, o país foi invadido pelos Ocuanyamas; os indígenas foram em grande número mortos ou levados prisioneiros, outros fugiram em direcções diferentes. Pode-se dizer que Cassinga já não existe como tribo indígena. A missão mesma foi atacada por mais de mil desses bandidos; levaram-nos metade do nosso rebanho e uma mulher da aldeia cristã. Vigorosamente repelidos a tiros de espingarda, não puderam realizar todo o seu plano, que era o extermínio de todos os brancos e a pilhagem da missão. Porém, ameaçam voltar em maior número.

Careço de que me concedam o que já reclamei ⁽¹⁾, isto é, autorização de ter um certo número de armas e de reunir

(1) Le Gouverneur d'Angola a fourni immédiatement après des armes à la Mission de Cassinga et le Gouvernement de Lisbonne a ordonné lui aussi des providences dans le même sens.

todas as aldeias vizinhas em volta da missão, de onde as afastaram as desordens dos soldados.

Vê-se o que resulta do escrúpulo que há em nos permitir a posse das armas. Os Ocuanyamas têm boas armas e bons cartuchos, que compraram a uns negociantes. A missão quando é atacada não se pode defender. As espingardas *poules*, pelas quais esperámos três anos, não prestam para nada. São meros ferros velhos. Requeremos algumas, das *gras*, levantam-se novas dificuldades na alfândega, e no entretanto os Ocuanyamas vão-nos roubando mais de 50 peças de gado, e ameaçam todo o pessoal! Alguns soldados saíram-lhes ao encontro com um oficial, mas esta força mínima não me tranquiliza. Receio um novo e mais temível ataque.

Parece certa a existência de minas de oiro no país; se essa notícia atraísse alguns brancos, ficaríamos menos expostos.

Neste estado de coisas vê que me é impossível ir a Luanda; pelo contrário, penso voltar a Cassinga, se ali for necessário. Reclamam-me para eu decidir se devem ou não partir; todos desejam largar a missão; contudo será impossível abandonar assim, de um dia para o outro, uma obra tão importante, não havendo outra que a substitua.

[*Ernesto Lecomte*]

PORTUGAL EM ÁFRICA, Lisboa, 1894 (I), p. 202-203.